

Encantes para reflorestar um corpo cidade

Enchantments to reforest a body city

Encantos para reflorestar un cuerpo ciudad

Rafael Caetano do Nascimento¹

Andrea Desiderio da Silva²

Resumo: O artigo trata do encontro com imagens das artes indígenas de Xadalu Jekupé e Denilson Baniwa, e sua potência na criação de mundos ao acionar regimes de visibilidades que colocam em jogo políticas de encantamento e desencantamento. O objetivo é tecer narrativas que dão sentido para afetos mobilizados por estes encontros em caminhadas pelas ruas de Porto Alegre/RS, cruzando os campos da Educação, Pensamentos Indígenas e Filosofia da Diferença. A cartografia é o método do trabalho. A força das artes indígenas contemporâneas surge da ruptura com o apagamento histórico dos povos indígenas, e seu modo de agir no mundo está ligado às suas cosmologias. Os encontros possibilitaram pensar a imagem como uma força ativa na criação de relações com seres, em uma política de encantamento com a vida.

Palavras-chave: Cartografia; Artes Indígenas Contemporâneas; Imagem.

Abstract: The article deals with the encounter with images of indigenous arts by Xadalu Jekupé and Denilson Baniwa, and their potency in creating worlds by activating regimes of visibility that bring forth politics of enchantment and disenchantment. The aim is to weave narratives that give meaning to emotions mobilized by these encounters during walks through the streets of Porto Alegre, Brazil, crossing the fields of Education, Indigenous Thoughts and Philosophy of Difference. Cartography is the method employed in this work. The strength of contemporary indigenous arts emerges from the rupture with the historical erasure of indigenous peoples, and their way of acting in the world is connected to their cosmologies. These encounters have made it possible to perceive the images as an active force in creating relationships with beings, within a politics of enchantment with life.

Keywords: Cartography; Contemporary Indigenous Arts; Image.

Resumen: El artículo trata sobre el encuentro con imágenes de las artes indígenas de Xadalu Jekupé y Denilson Baniwa, y su potencia para crear mundos al activar regímenes de visibilidad que dan lugar a políticas de encantamiento y desencantamiento. El objetivo es tejer narrativas que den sentido a los afectos movilizados por estos encuentros durante paseos por las calles de Porto Alegre/RS, cruzando los campos de la Educación, los Pensamientos Indígenas y la Filosofía de la Diferencia. La cartografía es el método de trabajo. La fuerza de las artes indígenas contemporâneas surge de la ruptura con el borrado histórico de los pueblos indígenas, y su forma de actuar en el mundo está conectada a sus cosmologías. Estos encuentros permitieron considerar la imagen como una fuerza activa en la creación de relaciones con seres, dentro de una política de encantamiento con la vida.

Palabras clave: Cartografía; Artes Indígenas Contemporâneas; Imagen.

¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

² Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Introdução

O presente artigo trata do encontro com imagens das artes indígenas contemporâneas e sua potência na criação e invenção de mundos, ao acionar regimes de visibilidades que colocam em jogo políticas de encantamento e desencantamento com a vida. Esses encontros se deram entre uma pesquisadora e um pesquisador com as artes de Xadalu Tupã Jekupé e Denilson Baniwa pelas ruas do centro histórico de Porto Alegre (RS) durante uma saída de campo na referida cidade entre os dias 21 e 22 de julho de 2022 por motivo de visita à exposição “Antes que se apague: territórios flutuantes”, do artista Xadalu, na Fundação Iberê Camargo.

As imagens ocupavam as ruas do centro e abriam nelas visibilidades desde perspectivas indígenas, acionando campos de forças a agirem nesse espaço. Imagens que chegam e agem desde suas cosmologias, trazendo convites para ver o invisível, habitar as frestas, caminhar no Jardim e entrever florestas. O encontro entre o universo civilizado de uma sociedade capitalista colonizante e racista, com o regime conceitual indígena da imagem produz tensões. Como brancos e não-indígenas, ao habitarmos essas tensões, somos provocados a caminhar por um chão de memórias. Tecer narrativas que dão sentido para os afetos mobilizados pelos regimes de visibilidade acionados pelos encontros com as artes, de ambos artistas, nas caminhadas pelas ruas de Porto Alegre, torna-se então o nosso objetivo geral nesta escrita. Entende-se aqui que a prática da escrita é quem dá forma e sentido aos afetos, tornando nosso objetivo específico o cruzar de fios dos campos da Educação, dos Pensamentos dos Povos Indígenas e da Filosofia da Diferença, para compor uma malha de vida que dê consistência a se pensar as políticas de encantamento e desencantamento da vida, como políticas de produção das existências.

As artes indígenas contemporâneas (ESBELL, 2018) ativam o pensar com as imagens e a força que elas trazem para a composição de mundos, em contraposição com um sistema que se quer higiênico, hegemônico e homogêneo. Essa força irrompe da quebra com o silenciamento e apagamento histórico dos povos indígenas e seus saberes, e a ação dessas imagens no mundo está intrinsecamente ligada às cosmologias que carregam. Portanto, os encontros que se deram pelas ruas de Porto Alegre, pôde deslocar o modo ocidental de se relacionar com a imagem, o qual em boa medida se dá por um viés representacional e figurativo, abrindo possibilidades para pensar um agir da imagem no criar de relações com seres desde uma política de encantamento com a vida.

Uma saída de campo não se faz somente com hora marcada, pois no caminho outras coisas acontecem. Por isso, há que se cultivar um estado de atenção, um cuidado com o

encontro. Caminhada como ato multiperspectiva: um ato político e também, no nosso caso e escolha, um método, um modo de fazer, ocupar e conhecer; de se deixar-se chamar a compor uma cidade, se oferecer aos fluxos dos encontros e desencontros que ela nos convida. Cartografia das composições e decomposições pelo caminho, atos de germinação de mundos, ou seja, movimentos de intensidade-e-língua se esboçando (ROLNIK, 2016). Nesse sentido, a escrita aqui se aproxima de um ensaiar o pensamento a partir de encontros com artes indígenas inscritas nas peles de asfalto e concreto. Uma tentativa de dar língua para encantos guaranis e encantos baniwa que nos atravessaram, criando um texto carregado dessas *moléculas de afetos*.

Desse modo, este artigo é composto por duas narrativas: uma que trata dos encontros com imagens das obras de Xadalu e Denilson pelas ruas do centro histórico de Porto Alegre (RS), e outra a respeito do segundo dia de caminhada. A terceira parte traz uma reflexão a partir desses encontros, ensaiando uma problematização do modo como essas imagens podem afetar e agir, provocar e fazer pensar. Nas considerações finais tecemos um comentário geral em torno das questões levantadas ao longo do texto e finalizamos com uma pergunta, de modo a instigar um cultivo da atenção para com os mundos que compomos pelos encontros que a vida nos proporciona.

Suspender a cidade, sustentar o jardim.

Flexibilização do isolamento social e recebemos o convite para visitar a exposição “*Antes que se apague: territórios flutuantes*” do artista Xadalu Tupã Jekupé, na cidade de Porto Alegre/RS. A exposição esteve na Fundação Iberê Camargo entre 14/05 e 31/07 de 2022 e nós estivemos lá nos dias 21 e 22/07. Dois doutorados em andamento atravessados pelo pensamento indígena se desprenderam das virtualidades pandêmicas para viver uma experiência real, na cidade, na rua e no cubo branco.

Adentramos às ruas de Porto Alegre em busca de algo para comer, Lua Cheia e nos deparamos com uma mulher anciã e uma criança, ambas com um colete à prova de balas com a inscrição: GUARANI-MBYA. Grudadas na parede, nos olharam com o corpo inteiro, trocamos algo além de olhares. Nos convidaram, recuamos. Ainda não éramos capazes de ver que elas não estavam sozinhas e que ocupavam mais do que uma cidade.

Com o Sol, caminhamos em direção à galeria de artes da Fundação Iberê Camargo, o cubo branco. Dois pontos e, numa linha reta, chegaríamos ao destino. Mas uma saída de campo não se faz apenas com hora marcada e objetivos fixos, se faz também com a abertura de uma

atenção aos encontros e afetos que se cruzam pelo caminho. Essa abertura da atenção precisa descartar os dispersores e entrar em sintonia com o problema que move uma pesquisa. “A atenção a si é, nesse sentido, concentração sem focalização, abertura, configurando uma atitude que prepara para o acolhimento do inesperado. [...]. As experiências vão então ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato” (KASTRUP, 2020, p.39).

Placas que nomeiam ruas e homenageiam pessoas chegavam em grande número. Nomes masculinos de diversificadas patentes. *Uma guerra em curso?* Sons de pássaros, guizos, cheiro molhado. Árvores imensas, centenárias, arrancadas, mutiladas, para dar lugar a construções monumentais, de concreto e cimento, hoje habitadas por pichações e colagens. Sentimos que o chão movia-se ao nosso lado, abrindo-se e conduzindo-nos a encontros não planejados, planejados. Mudança de rota. Serpenteamos. No trajeto, corpo atento. Imergimos pelas ruas da cidade e ela nos percebeu, tateamos sua pele, auscultamos seus chamados.

Logo após uma praça, entre duas avenidas, uma rua em reforma. Cimento quebrado, canos abertos, fios à mostra. Tapumes lascados davam a ver as rachaduras que tentavam esconder. Paredes descascadas ainda por pintar, geravam um aspecto de esquecimento. Para além do predominante cinza, as grafias urbanas, pixos, lambes, vivificavam aquele pedaço de chão. A sonoridade era algo de diminuído e um silêncio aumentado. Pareciam longes os motores e buzinas. Um oco no eco urbano criava o entre. Portal espelho d’água, passagens de um jardim esquecido?

Vista turva, pele arrepiada, atenção redobrada. Uma cobra? A cidade racha, suas entranhas gritam. Outra mulher nos chama. Colada à parede, seu olhar é de quem sabe onde está e nos questiona, ao mesmo tempo que convida a conhecer. A memória presente naquele pedaço de chão surge em forma de texto logo acima dela: “Atenção, Área indígena”. Um misto de surpresa e mistério. Signos de um processo em curso. Algo chegava até nós e aos poucos seguíamos pistas de um caminho. No ato de alinhavar a atenção com a escuta do invisível, nos entreolhamos. Um sopro passa: a atenção “tateia, explora cuidadosamente o que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata. Tais explorações mobilizam a memória e a imaginação, o passado e o futuro numa mistura difícil de discernir” (KASTRUP, 2020, pg.40).

Num reconhecimento atento (KASTRUP, 2020) desses signos que se apresentavam como convites pelo caminho, permitimo-nos ser guiados pelas direções a que esses corpos-imagens nos convidavam a cruzar. A rua fissurou nossas intenções, fez emergir imagens e sons de um chão que se queria lembrado. Multitemporalidade espacial. Ancestralidade Guarani nos convidando a ver e adentrar a aldeia (ou seria o jardim?) que nunca deixou de existir e pulsar

por ali. Emergia aos poucos um mundo que (r)existe numa espécie de virtualidade presente, ganhando existência real ao se atualizar em nós com suas sementes.

“Atenção, Área indígena”. Seria mera coincidência caminharmos pelo centro de Porto Alegre e encontrarmos diversos lambes com essa inscrição ao mesmo tempo que estávamos ali por conta da exposição do artista Xadalu? Outro sopro pergunta: “quem?”. As flechas cintilantes da anciã com a criança e da mulher que nos olha e questiona, seguem nos orientando. Convidou-nos a buscar a origem dos mais de 1000 lambe-lambes semeados pelo centro de Porto Alegre em uma só noite. Informação que não atrapalhou e nem encerrou o processo em curso, serviu como mais um convite para seguirmos pelos caminhos que adentrávamos. Esperávamos encontrar Xadalu em um Museu, mas ele estava antes espalhado pelas ruas lançando suas flechas-sementes.

As imagens foram convidando a gente a se desconstruir cidade-concreto e deixar-se entrever floresta-cidade, acordando corpos vibráteis e soprando convites de tal forma que suspenderam a ação de se seguir por uma rota linear pré-estabelecida até à exposição e abriram brechas para passagens de virtualidades vivas e em fluxo por aquela sempre presente aldeia Guarani.

“Atenção, Área indígena”. Guerra do Paraguai, homens, honrarias, condecorações. Avenida que desce, sobe. Rua que segue, finda. Cruzamento, amém. “Atenção, área indígena”. Convida a ver uma cidade e suas marcas. No alto, a República. Ao seu redor Palácio da Justiça, Theatro São Pedro, Igreja Matriz, Palácio do Governo: Praça Marechal Deodoro. Pirâmide da colonização. Cemitério? Prédios e monumentos se erguem. Quem cai? O que sobra e resta, resiste? Grafitismo indígena no centro urbano da memória civilizatória; inscrições na superfície urbana da história. “Atenção, Área indígena”. Mulheres e criança caminham conosco, nos fazem ver o projeto colonial ainda em curso sobre sua antiga aldeia Guarani. Sopram: “*oi petei tetã nmande ary*”³. Projeto que enterra aldeia e ergue sobre cabeças indígenas monumentos em prol da civilização. Civilidade como sinônimo de destruição, saque e desrespeito aos povos que sempre habitaram essas terras. No centro do marco civilizatório colonial, a violência e a guerra, o terror e a política de morte que “ataca toda e qualquer vibração em outro tom” (SIMAS; RUFINO, 2019, p.12).

Mais convites e em partes do corpo germinavam as *Capia'i*. Reverberávamos junto a uma espécie de encantamento. Percebemos, a posteriori, que a flecha cintilante lançada pela

³ Obra: “*Nheru Nhe'ry: Existe uma cidade sobre nós*”, Xadalu Tupã Jekupé, 2021. (ALVES, 2022)

anciã e criança no primeiro dia, convidava a adentrar seu território ali presente por entre os concretos da cidade. Mas para isso era preciso despertar, acionar, rachar o concreto, questionar e instaurar outros regimes de visibilidades. Encantar. Elas guiavam o processo e nos ensinavam a ver.

Na cidade plana subimos a montanha por entre águas e rochas e, no topo, outro encantamento: estávamos no Jardim. Um sopro: “*Esse lugar sempre será nosso, nosso passado vive em espírito nesse presente no Jardim Guarani*”⁴. *Nherã*⁵, o espírito absoluto do espaço, o verdadeiro dono do território, mostrou-nos que no Jardim Guarani as sementes brotam em nossos corações e quem floresce na refloresta somos nós. Um reflorestar da cidade que se inicia no modo de vida plural que proliferam. Ali os sopros soavam mais nítidos: “Enquanto não combatermos a monocultura do pensamento não será possível reflorestar nossa existência” (NÚÑEZ, 2021, p.5). Uma fumaça no ar, cheiro de tabaco e ervas perfumosas.

Sentados em roda junto ao pajé, no alto das flores, um encanto Guarani passou por nós. De seu cachimbo saíam plantas, peixes, sapos, borboletas, aves e tartarugas. Do alto avistamos o longo corpo de uma imensa cobra. Estávamos em sua cabeça, a qual era também a proa de uma canoa: a Canoa da Transformação (A SERPENTE, 2021). Era *INÍPO*⁶ que se apresentava para nós. Encantos Guarani, encantos Baniwa, que traziam forças de um devir floresta para um corpo cidade. Perguntas germinavam no pensamento: que travessias as artes indígenas nos instigam a percorrer? A que modos de ver - e de vida - elas nos convidam?

Por meio de um sopro fumaça encantado o *Repovoamento de uma cidade Floresta*⁷ está em curso e nós, no meio dele. O pajé, diplomata do cosmos, rege as agências de modo a colocar forças para agirem em um determinado lugar (CEVALLOS, 2021). A força da cobra estava ali presente por meio da interligação de três exposições de Denilson Baniwa⁸: no rabo, a Casa de Transformação, de onde surgem os saberes ancestrais; no coração, três exposições formam uma constelação de saberes indígenas e suas lutas pela vida; na cabeça está o pajé conversando com os outros seres. Serpenteava, assim, um caminho a ser percorrido e transformado, semeando a vida e sua multiplicidade.

⁴ Obra: “*Ore yvoty ty: O Jardim Guarani*”, Xadalu Tupã Jekupé, 2021. (ALVES, 2022)

⁵ Obra: “*Nheru Nheru: Existe uma cidade sobre nós*”, Xadalu Tupã Jekupé, 2021. (ALVES, 2022)

⁶ Obra: “*INÍPO: Caminho de transformação*”, Denilson Baniwa, 2021.

⁷ Obra: “*Repovoamento de uma cidade floresta*”, Denilson Baniwa, 2021.

⁸ Exposições de Denilson Baniwa no 7º Festival Kino-olho: 1. Goethe Institut: “*Muyeréusáwa Rúka*”; 2. MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul): “*Aquela gente que se transforma em bicho*”, “*Ty Ty - memórias de beija-flor*”, “*Floresta-Casa derrubada (A última maloca do fim do mundo)*”; 3. CCMQ (Casa de Cultura Mário Quintana): “*Repovoamento de uma cidade floresta*”.

Afinal, onde estávamos? Nas ruas da cidade? Na aldeia Jardim Guarani? Navegando por algum rio? Imagens que convidaram a habitar fronteiras no meio da cidade, fazendo entrever o que não se vê. Espaços e tempos que habitam um corpo. Existências e apagamentos se mostrando em viração entre árvores e prédios. Encantamento. Carregados desses afetos e, com esse corpo de rua inundado de vida, indagamos: O que pode um devir-floresta na cidade?

Rastros de cobra, caminho de jacaré

Com corpos encantados, fomos percorrer o caminho da Cobra Canoa, farejar seu rastro e viver sua ciência. Estávamos iniciados a ver o invisível e assim a cobra se fez também jacaré. Com ele a caminhada firme nos mostrava que tudo era digno de atenção. Rastreamos um conhecimento ancestral que se apresentava e se escondia em pistas que nos conduziam entre asfalto, alagadiços e semáforos. Lado a lado nos movemos junto ao jacaré.

Nesse dia o vento nos acompanhou, ora forte, ora manso, ora nos mostrando novas direções. Estivemos em lugares em que a cobra já havia passado. Encontramos restos de sua pele. Ativamos um corpo todo escuta e acessamos Cristine Takuá em seu sopro-pergunta: “Que portais se abrem pra quem se concentra, pra quem se permite escutar? A escuta é um dom que nos foi dado, mas que poucos praticam.” (MEMÓRIAS, 2023).

No muro alemão a constatação da mutilação, o rabo da cobra que habitou aquele concreto segue vivo no virtual. Janela atencional (KASTRUP, 2020) aberta na casa de transformação e vimos o ninho dos saberes que um dia esteve lá. Com olho sintético⁹ perdíamos o rastro da cobra feito por cima do asfalto e calçadas de pedras portuguesas, com olhos de jacaré ativamos a membrana nictitante e seguimos o reconhecimento atento por onde rastejávamos. O vento soprava forte e o caminho se bagunçava na Independência. Vida e morte coabitando as existências.

Sob o encantamento jacaré, perguntávamos da passagem da cobra a olhos sintéticos, mas estes mal nos viam e davam respostas mínimas, fazendo solicitações burocráticas de pedidos escritos em papéis para uma possibilidade qualquer em um futuro inexistente. Afastavam-nos e observávamos as portas para o Jardim se fechando. Mas o Jardim segue lá, ao mesmo tempo em que as cabeças continuam nas ruas sustentando os pilares das construções.

⁹ Referência ao *saber sintético* em oposição ao *saber orgânico* trazido por Nêgo Bispo (2023) em sua oralidade e escrita.

Encantados, a cidade se fecha. Se fecha sem escuta, pelas negativas, pela solicitação de pedidos antecipados, pela necessidade de papéis e e-mails. Nos colocávamos em conversa, mas não era o bastante. As respostas eram as mesmas e chegamos a nos questionar se falávamos a mesma língua. Onde estávamos? Um Indiozinho¹⁰ se apresentava aqui e ali, proporcionando seguirmos encantados em um dia de desencantos.

O Palácio Piratini, que no dia anterior insistiu por nossa visita, nos impediu de voltar por estar excepcionalmente fechado. Assim seguimos com memória das pinturas históricas de Aldo Rocatelli¹¹ que nos afetaram pela estereotipada presença indígena e ausência da presença negra em uma das obras que retratavam a criação do estado do Rio Grande do Sul. Política da visualidade que homogeneiza e apaga as diferenças para afirmar um modelo de vida único, uma monocultura do pensamento.

Na Catedral Metropolitana não fomos recebidos na entrada principal com seus mosaicos italianos e adornos arcaicos. Ocupamos a brecha e chegamos perto do sangue, representado em tinta, em uma das cabeças indígenas que sustentam seus pilares externos. Igreja cercada, estávamos fora, à margem. Seguimos seus arredores e, com as roupas da civilidade, sem encantamentos, adentramos o pátio e avistamos mais cabeças a sustentar pilares. Desencantados, a cidade se abre.

Seguimos e mais uma guarani cruza nosso caminho. Uma mulher e duas crianças. “Atenção Área Indígena”. Sentadas à porta do Mercado Municipal com seus tapetes estendidos, ao seu lado corujas, jacarés, *capia'i*, cestarias e plantas. Vinham de aldeia próxima à cidade diariamente. Nos aproximamos do chão e conversamos. Estávamos com vontade de histórias, de gente que pudesse nos mostrar mais do Jardim. Seguíamos no encanto e não estávamos sós. Um transeunte narra e atua uma das atrocidades históricas que vivemos. Intencionando nos fazer sorrir, fala sobre a beleza da criança de colo e que a levaria com ele em um saco - o histórico roubo de crianças indígenas (POTIGUARA, 2018). O silêncio falou ali. Colonialismo presente produzindo o real social cotidianamente. Corpos cimentados e incapazes de se afetar pelo outro, pela história, pela vida.

¹⁰ Obra: “Indiozinho”, Xadalu Tupã Jekupé. (HERKENHOFF, 2015)

¹¹ Obra: “A formação etnográfica do Estado do Rio Grande do Sul”, Aldo Locatelli, 1953.

Encantes

Xadalu é um nome derivado de um grupo de lutadores de rua presente no jogo de videogame “Street Fighter”. É assim que Dione Martins, gari e artista, escolhe seu nome para também ser um guerreiro das ruas. Sua obra de anti-desterritorialização “Atenção, Área Indígena” se espalha pelo centro de Porto Alegre e ganha destaque na reivindicação da visibilidade da etnia guarani na cidade (HERKENHOFF, 2015). Com esta inscrição ele chama a atenção para os guaranis que ocupam este espaço vendendo seus artesanatos sentados ao chão. Ocupar o chão é um modo próprio desse povo habitar este lugar que, agora chamado cidade, está erguida sobre o que antes eram suas aldeias. Esse chão tem memória e ocupá-lo é honrar sua ancestralidade.

Esse corpo, amigo do chão, incomoda alguns comerciantes locais, os quais entendem que os indígenas estragam o ambiente (HERKENHOFF, 2015). Incômodo que cresceu após Xadalu espalhar seus adesivos pela cidade permitindo aos guaranis escolher os lugares com a inscrição para exporem seus trabalhos. Tensão crescente de uma cidade que insiste em apagar a história do genocídio indígena e contar a vitória do colonizador, em placas que nomeiam as ruas desse lugar. Xadalu faz aparecer a guerra ainda em curso contra seu povo, pois “a história da colonização é a história da conquista contínua, da guerra contínua para ocupar o território e dominar os povos”, como lembra Pedro Putoni no documentário Guerras do Brasil.doc (2019). Ailton Krenak alerta, neste mesmo documentário, que a “falsificação ideológica que sugere que nós temos paz, é para a gente continuar mantendo a coisa funcionando. Não tem paz em lugar nenhum. É guerra em todos os lugares o tempo todo”.

As inscrições de Xadalu pelas ruas lançam suas flechas cintilantes naquele espaço-tempo. Lampejam outras visibilidades para um corpo-cidade com a demarcação de um território indígena ancestral (ALVES, 2022). Xadalu semeia imagens como seus antepassados semearam sementes. Imagem semeadura que racha cidade e seus regimes de verdade; traz à tona as forças de uma história que se quer escondida, apagada, esquecida. “Atenção, área indígena” estava ali tensionando o espaço urbano e expondo seus conflitos. Não acrescentava camadas visuais ao cenário, mas raspava o concreto para desenterrar as cabeças de seus antepassados, fazendo aparecer um chão que ansiava voltar a respirar devido à asfixia por séculos de racismo, escravização e genocídio indígena na região (POTIGUARA 2018; XADALU, 2021).

Imagens que racham o asfalto que escamoteia a política de morte em um corpo-cidade, e fazem brotar as sementes de *Aguaã* que seus antepassados rezaram para que um dia

florescessem suas árvores que dali foram cortadas (XADALU, 2021). Estávamos imersos numa multiplicidade temporal em coexistência: virtualidades em processo. Aproximando do que diz Deleuze (2018) a respeito do regime imagético da imagem-tempo em contraposição ao da imagem-movimento, as flechas-sementes semeadas por Xadalu desencadearam não um esquema de ação-reação imediata de nossa parte, mas antes uma suspensão da ação, rompendo com o esquema sensorio-motor que liga ser humano e mundo, deixando-nos à deriva e fazendo prolongar sensações a partir desses encontros com as obras. Criava-se um intervalo entre ação e reação o qual passamos a habitar, aumentando nossa liberdade de imersão neste novo que aparecia. As imagens nos lançavam à saída do automatismo da cidade e de seus caminhos, das cadeias de representações que amortecem a carga sensível dos acontecimentos e que nos fazem ver e ocupá-la somente desde seu *aspecto molar* (ROLNIK, 2016).

Encontros com corpos-imagens que tocam e convidam. Acionam. Abrem, na textura com o mundo, um lugar para um olho todo corpo, um corpo todo tato, um tato todo olho. Algo não visível da imagem nos alcança e toca numa apreensão somente possível pelo corpo-vibrátil, ou seja, um “corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações” (ROLNIK, 2016, p. 31). Mulheres e criança, em imagens, nos encantaram com suas flechas cintilantes. “A flecha atirada não é vista por olhos de grandeza, a lógica é outra” (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 9). Acionaram um corpo desejante de mais - mais encontros, mais rua, mais chão. Sentimos, sem necessariamente saber o quê, que esses toques nos convidaram e agitaram *linhas moleculares* em nossos corpos (ROLNIK, 2016). Uma experiência sensível com imagens e seus regimes visuais - suas cosmologias - a tensionar o pensamento ocidental civilizado do sistema capitalista colonizante e racista na produção de seus modos de vida. Destacamos duas políticas em curso e tensão que essas imagens nos implicavam: uma de encantamento com a vida e outra de desencantamento.

Ambas se encontram e se diferenciam na relação que estabelecem com a vida, assim como nos modos em que operaram suas ações no campo das visibilidades. O encantamento escapa do ser utilitário e produtivista (SIMAS; RUFINO, 2020), prolifera imagens e suas intensidades, propulsiona universos em criação. Produz um impensável no pensamento e dinamiza o ser em estado de nascença plural. “Daí o encante ser uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d’água, pedra de rio e grão de areia” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 9). Um caleidoscópio imanente que se põe a girar; devires em passagem. Nascenças. Experiência de uma vida das imagens que vem pela suspensão de mundo, o qual dá o visível ao pensamento, “não como objeto, mas como ato que está sempre nascendo

e se escondendo no pensamento” (DELEUZE, 2018, p. 246). Imagens que germinam vida entre os corpos e abrem para outras conversas e composições. “O encanto pluraliza o ser, o descentraliza, o evidenciando como algo que jamais será total, mas sim ecológico e inacabado” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 9).

O desencantamento, por sua vez, é o que esse sistema capitalista colonizante, patriarcal e racista, produz. Aniquila a multiplicidade vivente; captura e canaliza a pulsão vital de criação individual e coletiva de novas formas de existência para a construção de um mundo segundo seus próprios desígnios (ROLNIK, 2018). Essa política que segue por uma lógica do controle e obediência humana, tendo como fim a perpetuação de sua hegemonia, atinge o nível *molecular* no plano de composição da existência e, desse modo, parece não haver espaço no qual se possa simplesmente jogar fora todo esse modo de gerir a vida sem antes se reorientar as forças desejanças para uma outra ética na composição de relações com os seres viventes, humanos e não-humanos, visíveis e não-visíveis (ROLNIK, 2018).

Se oriente, desanuvie seu sentir, respire o pó das árvores que são vida muito antes de existirmos. Haverá quem, lendo isso, considere que falamos de fantasias ou coisas do tipo. Acontece que o humano, como métrica de uma conjunção entre o branco, homem, cristão, obcecado pelo consumo e acúmulo, esqueceu que é natureza. Se blindou de civilização a ponto de esquecer que é somente mais uma manifestação do vivo integrado a um amplo e complexo organismo. Por se distanciar disso, tem perdido a vivacidade, se adequando a um padrão de desencantamento (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 9).

Ao passo que “o desencantamento diz sobre as formas de desvitalizar, desperdiçar, interromper, desviar, subordinar, silenciar, dismantelar e esquecer as dimensões do vivo, da vivacidade como esferas presentes nas mais diferentes formas que integram a biosfera (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 11), o encantamento é natureza em nascença, seu germinar mais potente. É “ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 6). O encantamento visto dessa forma, seriam princípios que comungam a noção de “integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade)” (2020, p. 7). O contrário dessa condição é o desencantamento do mundo (separação e hierarquização), provocado pela guerra de dominação instaurada pelo processo colonial.

As imagens de Xadalu e Denilson agem no lugar, acionam forças, proliferam tempos no tempo e movimentam a memória-chão do espaço. Lembram do extermínio das guerras; invocam *Nherã*. Do chão ressurgem as sementes. Agenciam forças de transformação para um

devir floresta da cidade. Imagens que nossos olhos veem, mas que também vazam e tocam, que lá estão a habitar as frestas convidando-nos a experimentá-las, que estão no entre, com vida própria, contando a respeito de mundos e cosmologias. Imagens que vivem entre nós e que não cessam de fazer um transitar de seres, lugares e mundos. São imagens em metamorfose povoando superfícies, correndo acima e abaixo, crescendo à medida que diminuem. “Supressão da profundidade e tudo corre para a superfície, suprimindo a distância entre observador e imagem. Não mais uma imagem a ser contemplada, mas uma imagem a ser percorrida e habitada: uma experiência-imagem” (CARVALHO, 2020, p. 162).

O que nosso corpo apreendia, o que nossos olhos conseguiam enxergar e captar, era um efeito da relação não apenas com objetos e fenômenos visíveis, mas também com agências invisíveis que nos convidavam a transver a vida (KANAYKÕ, 2021).

A cobra, invocada em sua imagem-força por meio da linha tecida pelos pontos das obras de Denilson Baniwa, age e revira uma cidade. Cobra Canoa da Transformação¹² é sabedoria a propagar vida por onde passa. Carrega em si as gentes-bichos que, por onde ficam, atualizam as múltiplas formas do vital para que a vida continue a viver com dignidade. Muda as formas para que a vida siga em fluxo. Metamorfose. Ela é a política de vida inserida no seio da política de morte propalada pela guerra colonial em curso que Xadalu nos apresentou. Respiro na asfixia da vida.

As imagens não trouxeram forças e aspectos de um mundo distante, e sim de um mundo radicalmente presente aqui, entretanto soterrado por camadas de “cimento e concreto em cima da memória desse território e das pessoas que viviam nesse território” (BANIWA, 2022, p.139). Denilson Baniwa e Xadalu Tupã Jekupé raspam as camadas de concreto para trazer à tona memórias ancestrais junto de um mundo povoado por muitos seres que diversifica este mesmo mundo em muitos mundos. A imagem age porque ela é mais, ou menos, que uma linguagem que representa aquilo que quer mostrar. Ela é força, virtualidade, o fora que age no presente a impulsionar devires. Nos implica a tecer relações de uma ética com o chão, com a terra, de um corpo que estremece junto com ela, no encontro com as forças que dela emanam.

Simas e Rufino (2019) dizem que quem sopra no ar a fumaça da transformação é o Caboclo, e que no sopro é que o ser ganha corpo, esse ser que é uma vibração vagante. Vagamos e, no presente Jardim Guarani de Porto Alegre, fora das molduras, pelas ruas e escadas, pelo

¹² Obra de Denilson Baniwa, 2017.

meio do caminho, as sementes brotaram lá onde tudo precisa brotar para nascer: no silêncio do coração. Um encanto guarani passou por nós.

Considerações finais

Na experiência com imagens-força, ver apenas com os olhos é pouco para o que elas nos pedem e provocam. É preciso todo um corpo que as tasteiem, mas que também se deixe tatear por elas. A cobra que se estende nas ruas de Porto Alegre não é uma metáfora para a transformação. As artes, além de representar a floresta e a aldeia guarani que já estiveram ali no passado, também presentificam floresta, aldeia e Jardim na cidade. Afinal, foi por elas que andamos. Fomos retirados das ruas e lançados no Jardim Guarani, colocados a habitar a cidade desde o ponto de vida da aldeia que ali resiste. As imagens são forças que fazem vibrar a presença desse Jardim em meio à civilização que insiste em apagar e silenciar sua existência, rompem com o cimento dos corpos urbanizados, ativam um devir floresta no corpo cidade. O chão vibra a floresta que ali continua a desejar.

As artes de Xadalu e Denilson, além de tornar visível e conscientizar pessoas sobre questões que estão silenciadas, não-ditas, alcançam outras potências pois agem, acionam, agenciam, avivam forças de um real nem sempre tão visível a olho sintético. Nos convidam a outros regimes conceituais para se pensar o olho e o visível; o sentir e o agir no/com o mundo. Produzem mundos em meio a outros, fissuram a história contada pela vitória do colonizador, o qual faz parte de um povo que quer se erguer do chão, se afastar das origens, das raízes, do barro da terra. Quando Xadalu e Denilson imprimem suas artes nas ruas da cidade, usam desses artifícios para fazer circular uma vida que a cidade insiste em sufocar.

Trata-se de aceitar convites, de se permitir adentrar para conhecer a cidade desde o ponto de vida da aldeia. Convites para ver onde o olho não enxerga, tocar onde a pele não alcança. Xadalu nos fez ver uma guerra em curso para, em seguida, também ver que desde dentro dessa guerra também brota o Jardim, pelo qual caminhávamos, do qual éramos suas flores. Denilson Baniwa nos fez ver que este e muitos outros mundos existem e convivem. O ser humano está no meio deles, habitando-os e compondo-os. Que mundos sustentamos?

Referências

A SERPENTE e a canoa: flecha 1. Cadernos Selvagens. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2021.

Disponível em: http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/05/CADERNO_23_SERPENTE_CANOVA-2.pdf. Acesso em: 01 maio 2023

ALVES, Cauê (cur.). **Antes que se apague**: territórios flutuantes. Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, 2022.

BANIWA, Denilson. O pajé-onça com câmera de vídeo. *In*: SCHULZE, P.W.; SAAVEDRA, C. (org.). **Literatura e arte indígena no Brasil**. Colônia, Alemanha: Instituto Luso-Brasileiro da Universidade de Colônia, 2022, p. 118-139.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CARVALHO, Victa de. **O dispositivo na arte contemporânea**: relações entre cinema, vídeo e novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2020.

CEVALLOS, Gadriel (cur.). **Inípo**: caminho de transformação. 7º festival Kino Beat, Porto Alegre: Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul; OI; Goethe Institut Porto Alegre; 2021.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2**: a imagem-tempo. Trad. E. A. Ribeiro. São Paulo: Editora 34, 2018.

ESBELL, Jaider. Arte indígena contemporânea e o grande mundo. **seLecT_ceLesTe**, Editorial. 22 jan. 2018. Disponível em: <https://select.art.br/arte-indigena-contemporanea-e-o-grande-mundo/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

GUERRAS do Brasil.doc. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi. Brasília: TV Brasil, 2019. 1 vídeo (130 min).

HERKENHOFF, Paulo. Xadalu e guaranis: diagramas de alteridade e trocas. **Xadalu.com**, 2015. Disponível em: <https://www.xadalu.com/>. Acesso em: 12 maio 2023.

KANAYKÕ, Edgar. A cosmologia da imagem. *In*: DUARTE, D. R.; ROMERO, R.; TORRES, J. (org.). **Cosmologias da imagem**: cinemas de realização indígena. Belo Horizonte: Filmes de Quintal, 2021, p. 41-58.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020, p. 32-51.

MEMÓRIAS ancestrais: vigília da oralidade. Direção: Anna Dantes. Produção: Madeleine Deschamps. Rio de Janeiro: Selvagem, 2023. 1 vídeo (10 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hMEPsm3Ihg&t=279s>. Acesso em: 30. jun.2023.

NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância de reflorestamento do imaginário. **Revista ClimaCom**, Campinas, ano 8, n. 21, nov. 2021, p. 82-85.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 2. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esfemas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

XADALU. DNA Marginal. Produção: Instituto Inclusartiz. Rio de Janeiro: Instituto Inclusartiz, 2021. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HiWo5iRkohw>. Acesso em: 06. jun.2023.

Sobre o autor e a autora

Rafael Caetano do Nascimento: graduado em Ciências Biológicas (Universidade Estadual Paulista - campus Rio Claro), tem Mestrado em Educação (Universidade Estadual Paulista - campus Rio Claro). É doutorando em Educação (Universidade Estadual de Campinas). Tem experiência na área de educação e linguagem, leitura e escrita, com pesquisa nos seguintes temas: práticas de leitura e escrita, cartografia e processos de subjetivação.

E-mail: racanascimento@gmail.com

Andrea Desiderio da Silva: graduada em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas, tem Mestrado em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas e Doutorado em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas. É professor de ensino fundamental na Escola do Sitio, campinas, SP, Brasil e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Ginástica da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de educação física escolar, ginástica, artes corporais, com pesquisa nos seguintes temas: infância, escola, dança, circo, narrativa.

E-mail: andreadesideriosilva@gmail.com

Recebido em: 28 jul. 2023

Aprovado em: 20 dez. 2023